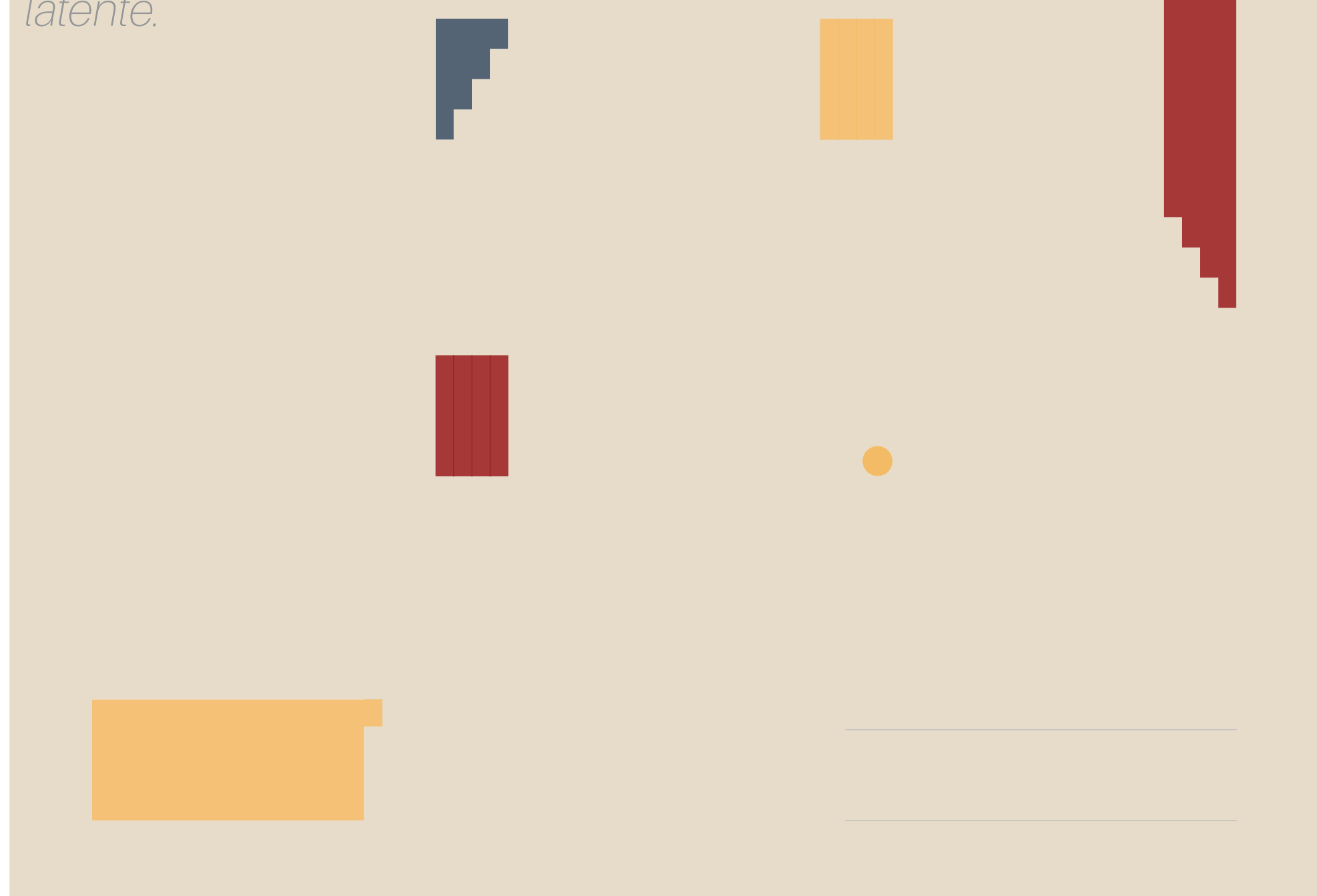


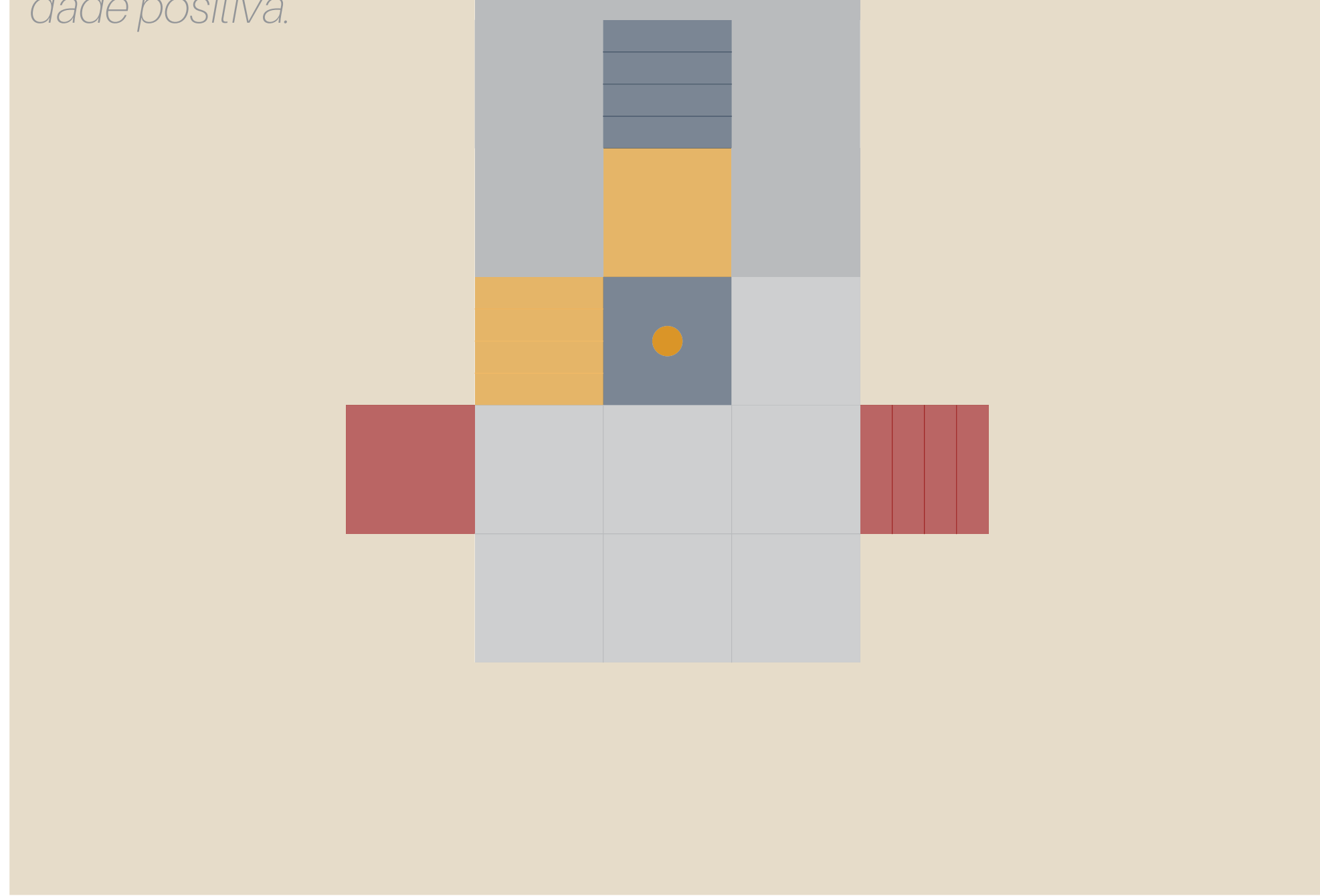
Tudo começa de forma completamente extemporânea; a consciência da existência e posteriormente participação numa **P**ugna inesperada, aparentemente risível, mas atrozmente real. O ambiente beligerante é contra um inimigo invisível, um ludibrioso confronto com uma quimera à escala microscópica. Pese embora a heterotópica circunstância, cedo se vislumbra que as consequências serão rapidamente tangíveis. Serão igualmente impiedosas e viscerais.



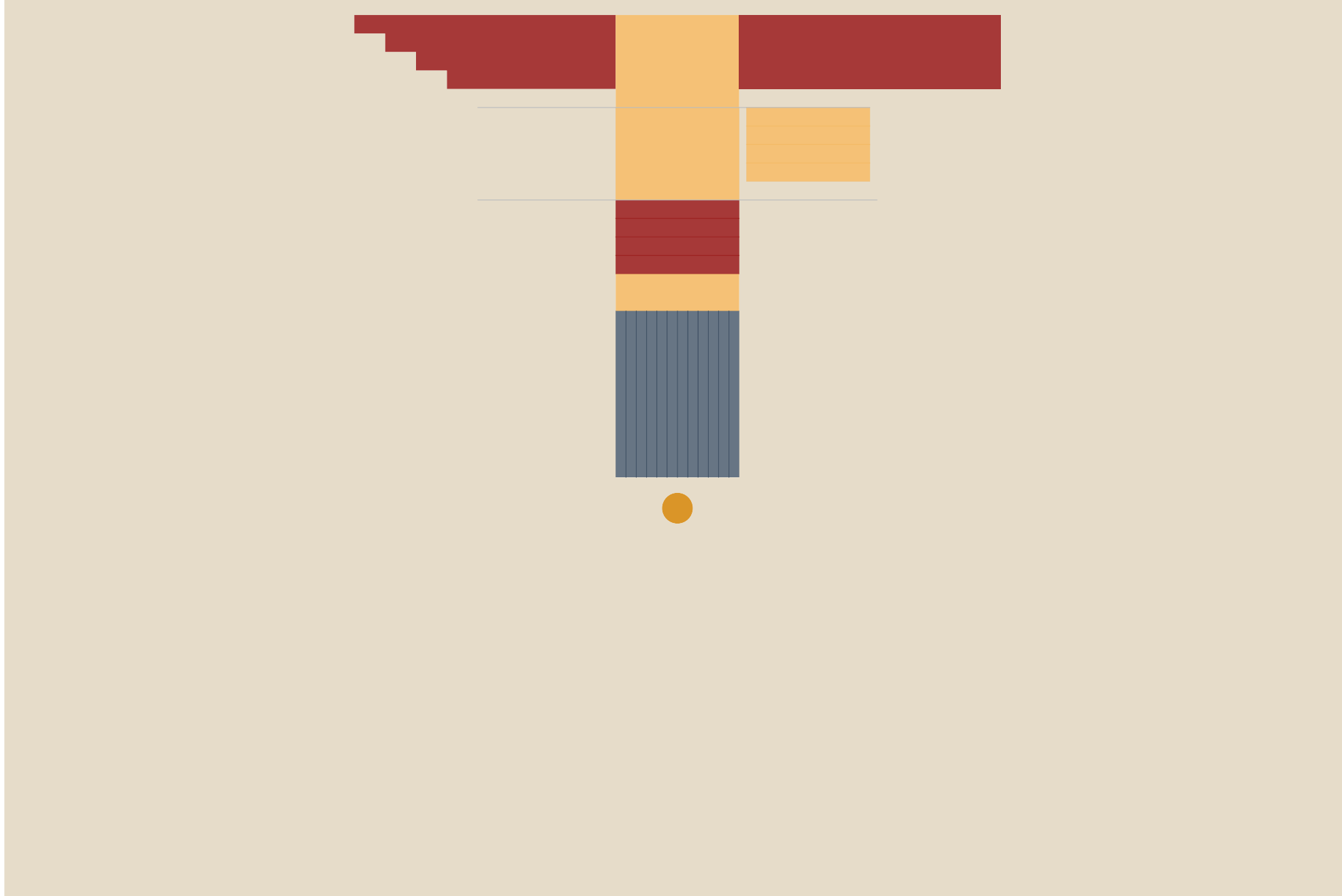
A nova circunstância apresenta-se. A solução revela-se subitamente e exacerba o carácter pernicioso do designio anunciado: o **I**solamento. A sua aceitação tácita advém, naturalmente, da condição de ser uma situação temporalmente circunscrita; o que não impede que as consequências sejam ao mesmo tempo imprevisíveis e previsivelmente nocivas. Todos as sentem; de forma idiossincrática, todos vivem algum tipo de solidão, e amplificam o seu lado misantropo latente.



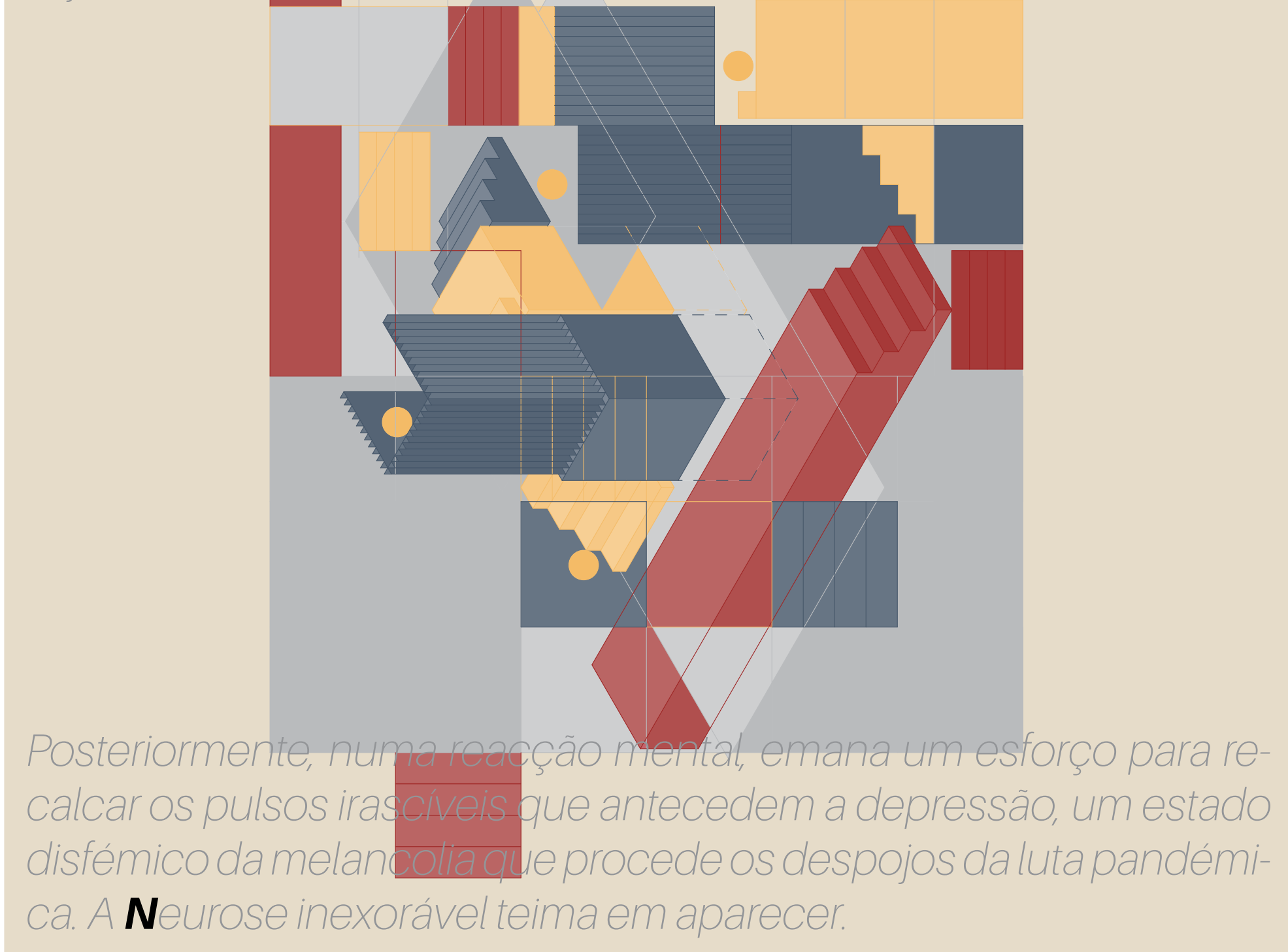
O pensamento como catalisador da acção coloca o futuro próximo em perspectiva, e, tal como a inevitabilidade das sensações negativas, aflui em paralelo um ascendente criativo resoluto, alimentado por um sentimento de **E**sperança sempre existente, mas cada vez menos dormente. O tempo, que, num conflito paradoxal entre a sua objectividade real e as proporções extraordinárias que assume nas sensações subjectivas, incorpora a força motriz de uma operatividade positiva.



O estado subsequente dessa consciência é a tristeza, o mergulho num mar de **M**elancolia generalizada, num conformismo absoluto, como se um karma inevitável se tivesse abatido sobre o mundo. O arrebatamento é total, e, inexplicavelmente, a petrificação açambarca o quotidiano, sob a tamanha impotência impositivamente implementada pelo contexto.

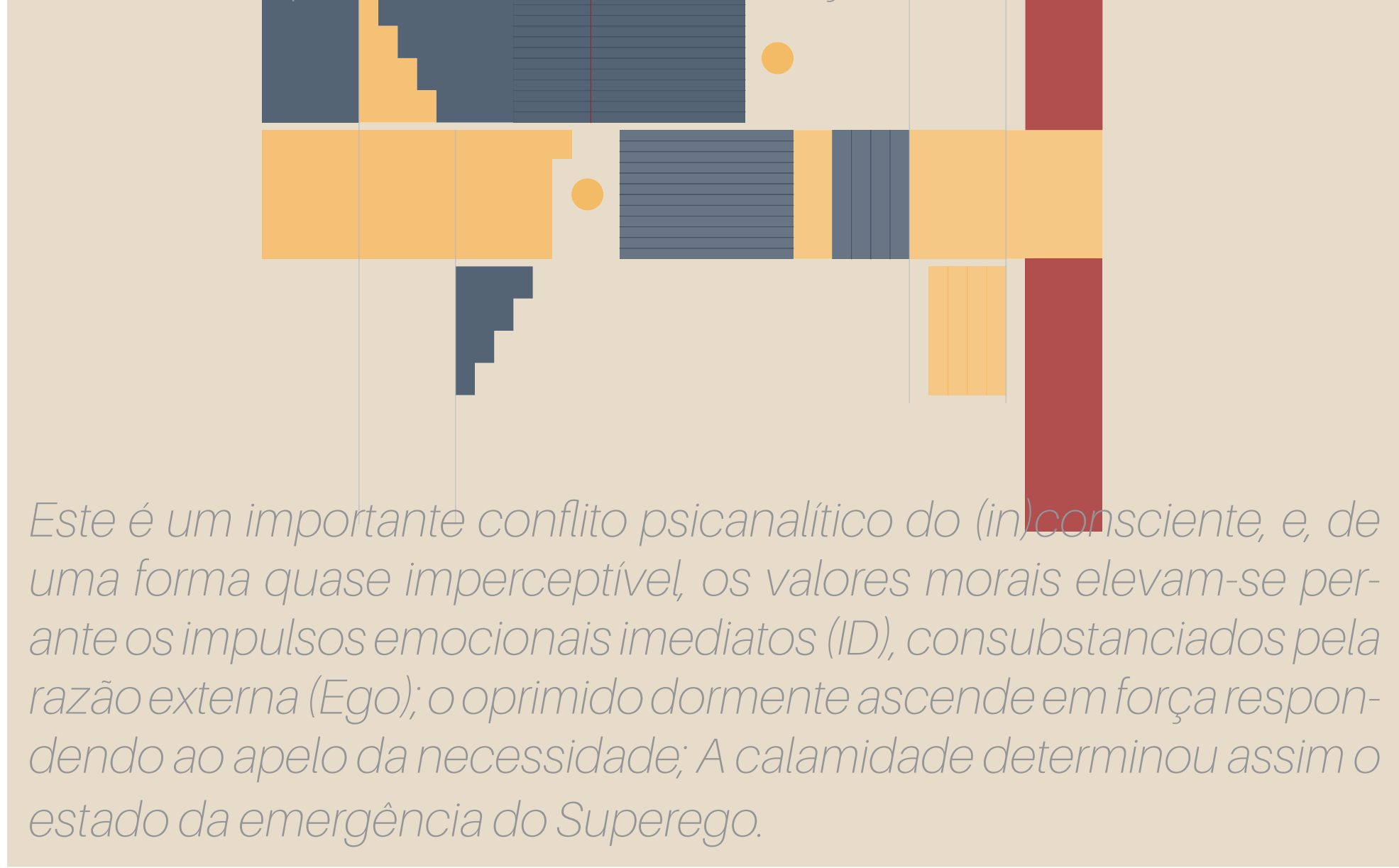


O caos proveniente da infrutífera luta inicial, enfatizado pelo espírito elegíaco remanescente e continuamente presente, origina, inevitavelmente, uma exaltação à angústia colectiva, que assume maiores proporções na escala do indivíduo. A tendência é ser arrastado pelos ímpetus pulsionais, deixar que o desespero vença e as acções sejam imediatas e emocionais.



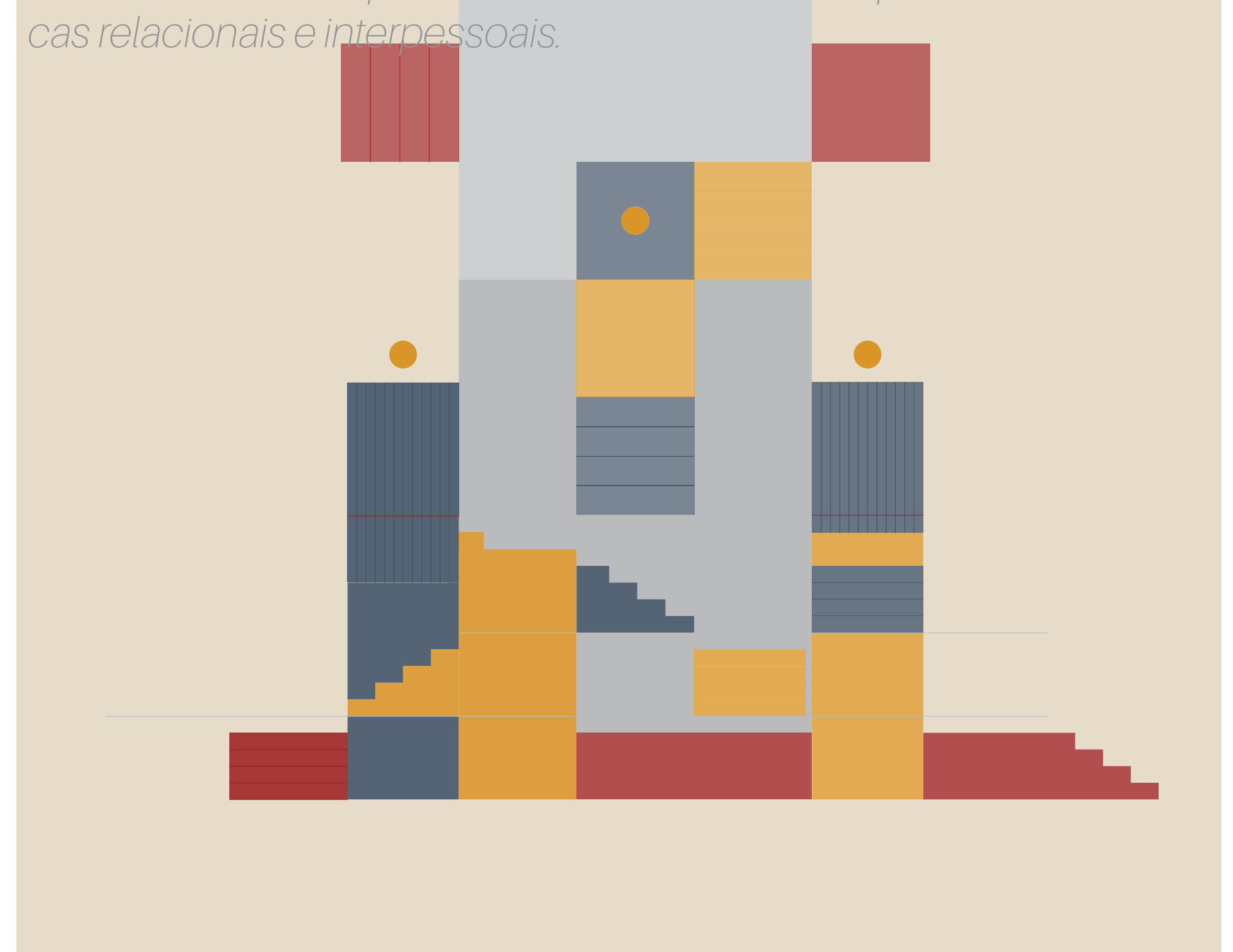
Posteriormente, numa reacção mental, emana um esforço para recalcar os pulsos irascíveis que antecedem a depressão, um estado disfémico da melancolia que precede os despojos da luta pandémica. A **N**eurose inexorável teima em aparecer.

Quando a indagação por agir é suportada por uma muleta moral, a consecução é a **A**bnegação. A vontade individualizada na acção segundo pressupostos colectivos é potenciada pelas consequências causadas pela nova realidade hostil. Por sua vez, analogamente aos ímpetus altruistas, é despoletado um sentimento inconformista que necessita de ser saciado. Neste sentido, numa espécie de processo maiêutico que numa primeira fase desgasta e demole, com o exercício do pensamento crítico, numa fase seguinte, o reforço intelectual e espiritual é certamente alcançado.



Este é um importante conflito psicanalítico do (in)consciente, e, de uma forma quase imperceptível, os valores morais elevam-se perante os impulsos emocionais imediatos (ID), consubstanciados pela razão externa (Ego); o oprimido dormente ascende em força respondendo ao apelo da necessidade; A calamidade determinou assim o estado da emergência do Superego.

Uma nova **O**rdem emerge e sobrepõe-se às problemáticas individuais, como se de um novo sistema social metafísico se tratasse, que, de forma quase automática, se torna cânone de um novo modus vivendi. As peças do tabuleiro político movimentam-se, num preâmbulo da narrativa vindoura que nos deixa antever um xeque-mate às dinâmicas relacionais e interpessoais.

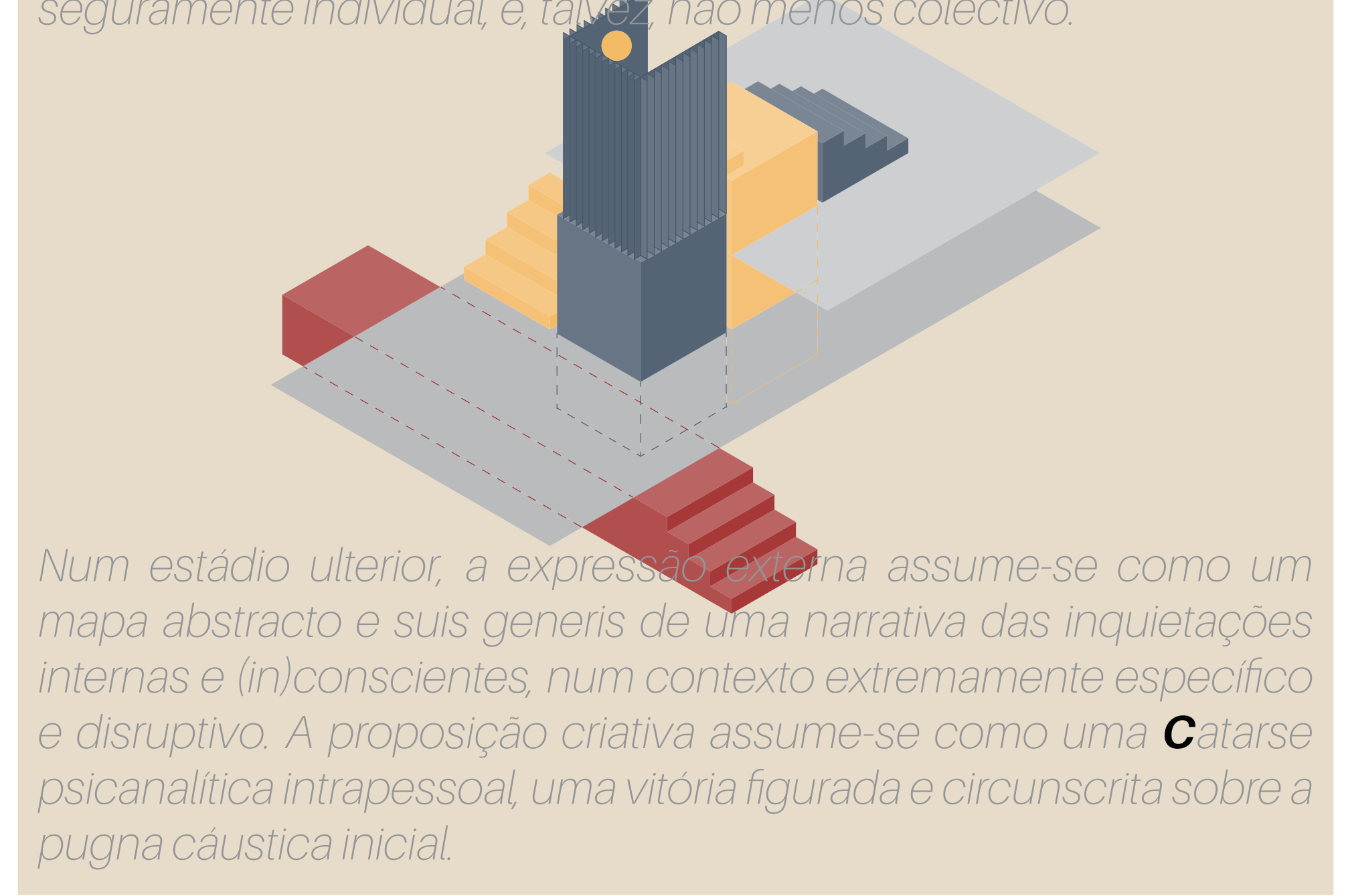


E com tudo isto, obedecendo a um não evidente, mas recorrente, princípio de causalidade, os constrangimentos dão origem, paradoxalmente, a um livre processo reflexivo e expressivo, outrora aparentemente adormecido. O humanismo vigente na problemática, reflectido em última instância pela mortalidade como resultado último, aponta para um pensamento existencialista e analista como base referencial para um qualquer tipo de manifestação formal.



Se a expressão artística é muitas vezes uma operação analítica e reflexiva das transformações sociológicas, o mapeamento abstracto das alterações ocorridas surge como um fenómeno da consciência decorrente do impacto da **N**oese pandémica. É nesta fase que o processo noemático engrena, que se atribui significação à percepção. Por outras palavras, é este o momento da consciencialização subjectiva e do seu manifesto artístico, ou, pelo menos, do princípio da constituição da aura da expressão criativa.

A materialização da reflexão pessoal é representada idiossincraticamente sob um léxico formal familiar - arquitectónico. No entanto, independentemente, é sempre uma manifestação alegórica de um processo analítico e mental, a que lhe subjaz um discurso laudatório relativo ao altruísmo social. Acaba tudo por culminar numa espécie de purificação existencialista, mais ou menos consciente, que, de alguma forma, remete para a proveniência de um novo paradigma, seguramente individual, e, talvez, não menos colectivo.



Num estágio ulterior, a expressão externa assume-se como um mapa abstracto e suis generis de uma narrativa das inquietações internas e (in)conscientes, num contexto extremamente específico e disruptivo. A proposição criativa assume-se como uma **C**atarse psicanalítica intrapessoal, uma vitória figurada e circunscrita sobre a pugna cáustica inicial.